

659

EXCERTOS

(*Filosofia Militar* — ANDRE' ROUJOU — 1932)
Trad. do Cel. R. B. N.

I

O Tempo, que consolida a união entre províncias, parece alargar continuamente o fôssco que separa as nações. A diferença de linguagem, de cultura, de mentalidade, além da oposição de interesse, cria conflitos que a História registra, suscita rancores que a lenda agrava, de maneira que o Exército permanecerá por muito tempo ainda, para os Estados ciosos de sua honra e da independência, um instrumento de primeira necessidade.

II

E' sempre perigoso causar inveja. Para proteger-se contra a inveja de seus semelhantes, o cidadão pode apelar para o juiz e o policial: um Estado só pode confiar em si mesmo, e quanto mais rico e próspero fôr um país, mais precisa de canhões.

III

Podia gostar-se da guerra quando os soldados profissionais eram os únicos que lhe suportavam os riscos. O serviço militar universal diminuiu algum tanto, e por tôda parte, o prestígio da petulância e o atrativo da epopéia.

IV

Não se pode exigir de um exército nacional as qualidades militares de um exército profissional; não é bastante fardar um cidadão pacífico para fazer dêle um soldado.

V

O exemplo dos bravos pode arrastar os que hesitam, mas a fuga dos pusilânimes pode igualmente arrastar os bravos.

VI

A aspereza tradicional da linguagem militar provém do hábito das vozes de comando que, por definição, devem ser curtas e enérgicas. Mas, quando essa rudeza degenera em violência e grosseria, tem origem menos honrosa, e explica-se pela situação privilegiada do superior que, num meio onde a hierarquia é bem marcada, a autoridade rigorosa e a reclamação preñhe de riscos, pode ultrajar impunemente o inferior desarmado pela disciplina. Tratar sem consideração aquêles de quem nada se tem que temer é, para os homens destituídos de nobreza ou de educação, uma tendência muito comum; e é penoso dizer-se que êsse abuso não se produziria se os que se vêm condenados a suportá-lo tivessem o direito de responder como convém.

VII

Permanecer impassível na posição de "sentido", quando se recebem críticas ou advertências grosseiramente enunciadas, é tanto mais honroso quando o homem capaz dessa atitude tem valor e altivez. O silêncio do subordinado é, no caso, uma lição para o chefe; e aquêles que não tiver em tal momento a fôrça necessária para dá-la, não pode gabar-se de ter espírito militar.

VIII

Quem dá uma ordem deve lembrar-se de que há duas razões para que seja mal executada, ou não o seja inteiramente: a primeira é a diversidade dos espíritos que faz com que a idéia se deforme, quase sempre, ao passar de uns para outros; a segunda é a tendência natural que induz a maioria dos homens a não obedecer quando não são vigiados. Daí, a necessidade de, primeiro, assegurar-se de que se foi bem compreendido, em seguida, fazer intervir constantemente o olho do chefe, de maneira a convencer todos, soldados e quadros, de que a execução de qualquer ordem será sempre controlada.

IX

Pode dizer-se que a iniciativa, às vezes, é como navalha em mãos de macaco. Salutar, quando exercida por homens capazes de utilizá-la bem, pode, em caso contrário, tornar-se extremamente perigosa. É preciso admitir, entretanto, que a imensa maioria dos quadros franceses é dotada de bom senso bastante para encontrar, em casos imprevistos, uma solução se não genial, pelo menos aceitável, e cuja execução rigorosamente prosseguida, é susceptível de produzir bons resultados.

E' preciso lembrar, também, que na guerra, somente a inação é infamante, e que nada pode ser mais funesto do que esperar ordens enquanto a oportunidade passa ou quando o perigo é premente. A iniciativa deve, portanto, ser incentivada em todos os graus de hierarquia militar. Mas, para habituar os quadros a exercê-la, é preciso renunciar a louvar somente quando os resultados são felizes. Muitos chefes subalternos sentir-se-iam ditosos por darem provas de iniciativa. A maioria, no entanto, se abstém porque sabe, por experiência, o que os espera em caso de mau êxito.

X

Deixar a iniciativa a seus subordinados não consiste em abandonar-lhes os deveres e responsabilidades privativas do comando e, em presença de uma dificuldade, dizer friamente e sem mais explicações: "Faça o que fôr preciso e comunique-me depois."

XI

O hábito de ser obedecido sem discussão leva, às vezes, certos chefes a esquecer as realidades e a exigir mais do que seria razoável. É este um dos lados ridículos e até odiosos da vida militar. — "É preciso que lustres êsse cinturão — Meu sargento, nós não temos graxa — Arranje-se... — No curso da última guerra, um general chama um major e, mostrando-lhe uma crista a mil e duzentos metros, diz: "Ide tomá-la com vosso batalhão. — Bem, meu general. — Deixareis a minha disposição uma das companhias. — Meu general, já tenho uma destacada em B... — E então? — Restam-me apenas duas. — Atacai com duas. — Bem, meu general."

A posição a conquistar estava fortemente ocupada, e ninguém ignorava isto. As duas companhias, destroçadas em alguns minutos, refluiram para a base de partida em lastimável estado. O comandante do batalhão e dois capitães selaram com a vida a obediência. A posição foi conquistada somente muito mais tarde por uma divisão, com severas perdas. Nessa ocasião, o general não estava mais lá...

XII

Dos três elementos de que depende a carreira de um oficial: mérito, proteção, circunstâncias, somente o primeiro, por si só, não o faz avançar.

XIII

Para vencer, é menos necessário ter muito mérito, do que saber explorar o que se tem.

XIV

É lamentável que uma promoção por merecimento provoque indignação; mais lamentável ainda, é que provoque hilaridade.

XV

Com um cavalo brioso e de bons jarretes, salta-se um obstáculo; se a montaria não inspira confiança, contorna-se. As duas soluções são aceitáveis. Deve-se, segundo o caso, escolher uma ou outra. O que é preciso é não ficar diante do obstáculo, a pensar se se deverá saltar ou não. Assim é, também, na guerra: é melhor optar pela decisão que se adapta aos meios de que se dispõe: mas é preciso escolher uma.

XVI

“Na dúvida, abstem-te”, não é princípio aplicável à guerra.

XVII

Os princípios essenciais em que se baseiam os regulamentos militares, são fruto de uma experiência milenar. A historia das guerras cria uma espécie de jurisprudência, que nada poderá ter de imperativa, mas que é perigoso desconhecer. Todavia, apesar do respeito, que impõem, os regulamentos não dispensam o chefe de pensar nem de ousar. Acima dos dogmas, há a vida presente com suas realidades, a guerra com suas situações trágicas; há a Pátria, cuja salvação é a primeira de tôdas as leis. Cumpre não alimentar a pretensão de impôr um processo, quaisquer que sejam as circunstâncias. A arte consiste, ao contrário, em adaptar o processo às circunstâncias. O que é preciso, é vencer, custe o que custar, e por todos os meios. Um chefe deve mesmo ter coragem, quando estiver convencido de que a vitória exige êsse preço, de violar os princípios mais sagrados da guerra, ainda que, em caso de insucesso, se arrisque à côrte marcial e à execração pública.

Quando não se fôr capaz dessa audácia, é melhor limitar as ambições, contentar-se com um papel modesto, e deixar a outros mais audazes os grandes comandos.

XVIII

A dificuldade principal dos problemas de guerra, é que devem ser resolvidos em condições de rapidez anormais, muitas vezes em meio ao fragor e do perigo; outras vezes depois de jornadas fatigantes e de noites sem dormir. Daí, a importância das qualidades físicas e do espírito de decisão indispensáveis nos chefes.

XIX

É elegante para um chefe ser inflexível e rigoroso, cuidar sem alardes dos interesses e do bem estar de seus comandados, e regular seu procedimento por êste conceito de Antístenes: "E' um prazer de rei fazer o bem e ouvir falar mal de si".

XX

A qualidade dos quadros deve corrigir os defeitos da tropa.

XXI

Na guerra, mais ainda do que na vida ordinária, é preciso agir, e não agitar-se.

XXII

Para poder gabar-se da própria experiência, não é bastante ter visto muitas cousas: é preciso, também, ter compreendido. Sabe-se que o muar de Lamoricière tinha várias campanhas, mas nunca passou de um muar.

XXIII

Um chefe, na maioria das vezes, não adquirirá senão pela aplicação, pelo esforço pessoal de todos os momentos, as qualidades morais que lhe são necessárias. Todo homem recebe duas educações: a que lhe dão os outros e a que êle dá a si mesmo. É esta que mais importa.

XXIV

Não há homem sem defeito. Não admitimos, entretanto nenhuma limitação no conceito que formam a nosso respeito. Aceitamos os elogios, mas não queremos restrições. O segredo das notas podia proporcionar a certos chefes a oportunidade de prejudicar impunemente seus subordinados. A comunicação obrigatória dos conceitos emitidos coloca quem os formula nesta alternativa: ou faltar à sinceridade, ou fazer inimigos.

XXV

Apesar da variedade e da potência sempre crescentes dos engenhos de destruição, há hoje, duas razões para que uma guerra seja longa: a primeira, é que um exército nacional mantém seus efetivos mediante a chamada de novos contingentes e a recuperação dos feri-

dos e doentes, a segunda, é que enquanto o exército se bate, uma multidão de cidadão e cidadãs não mobilizados, cuidam somente de seus negócios, enriquecem sempre, e desejam "que isto dure".

XXVI

Tem-se escrito que uma tropa de jumentos comandada por um leão triunfaria de um bando de leões comandado por um jumento. E' uma opinião, e nada mais. E ainda assim, muito discutível. Nem sempre é o chefe que ganha ou que perde as batalhas. A superioridade de um chefe militar sobre seu adversário nunca será tal que possa compensar a inferioridade de seus próprios soldados; as combinações mais engenhosas abortarão forçosamente se faltar ânimo aos executantes, ao passo que a solidez e o ímpeto das tropas podem resgatar os erros do comando. Parece justo admitir, então, que, em igualdade de armamento, os soldados dignos dêsse nome, embora menos bem comandados, dominarão sempre uma milícia. "É o valor das tropas que decide as situações, em última instância", dizia outrora um regulamento francês de combate.

XXVII

Em 1870, nossa infantaria, fascinada pela superioridade de seu armamento, busca posições de tiro, aferra-se a elas, e não manobra mais. Resultado: perdemos a guerra. A lembrança dessa defensiva calamitosa obceca o espírito de nosso estado-maior, e a ofensiva tornou-se o princípio sacrossanto e a palavra de ordem de nossos exércitos.

Durante quarenta e quatro anos, exalta-se e impõe-se a ofensiva. É vedado conceber outra tática, mesmo em esgrima. Um oficial que, num "trabalho de inverno" teve a idéia de demonstrar as vantagens eventuais da defensiva, foi julgado um espírito perigoso.

Chega a grande guerra. Depois de Gravelotte, o mundo marchou. A ciência também. As armas automáticas têm um poder destruidor que o Chassepot e o canhão de 12 estavam muito longe de possuir. Nutrido de princípios ofensivos a todo custo, nosso exército vê seus ataques se desmoronarem contra um material de guerra cuja potência só então se nos revela. Os batalhões carregam a oitocentos metros, e são ceifados desde os primeiros passos. Os cavalos de nossos cavaleirianos vão chocar-se contra rêdes de arame flanqueadas por metralhadoras invisíveis, enquanto nossas baterias de 75 são desmontadas a grandes distâncias pelos canhões pesados do inimigo.

Abrem-se, então, os olhos. A verdade ressalta. Compreende-se que, de todos os elementos que concorrem para a potência de um

exército, somente a formação moral dos homens pode ser obtida mediante processos mais ou menos invariáveis, mas que os processos de combate devem evoluir paralelamente com os progressos do material; que a ofensiva, sempre recomendável, está votada à morte, se um bombardeio intenso não lhe abrir o caminho, e que a tática que nos teria salvado em 1870, vai perder-nos em 1914. Pára-se; todos se enterram; fortificam-se. Adeus batalhas napoleônicas, cavalgadas em furacão! Passa-se da guerra de movimento à guerra de sítio, para ter tempo de fabricar os canhões e as munições que faltam.

Aos homens incumbidos de preparar a guerra, é indispensável um espírito objetivo, clarividente, capaz de discernir as realidades e afastar as verdades caducas. Para estabelecer a doutrina e elaborar o plano convenientes, terão agora que se inspirar, não nas lições do passado, mas nos progressos constantes da ciência, e lembrar-se de que, hoje, o primeiro, se não o único, ensinamento a reter de uma guerra, é que a seguinte provavelmente não lhe será semelhante.

XXVIII

“Não tenho necessidade de alimentar esperanças nem de triunfar para perseverar”, disse o Taciturno. A frase é lapidar, e o pensamento discutível, sobretudo quando aplicado à guerra. Dos dois princípios que encerra, o primeiro não ao exame. Empreender uma operação sem nenhuma esperança de levá-la a bom termo, seria loucura ou estupidez. Para que nos serve a razão? Se a natureza nô-la deu, foi sem dúvida para que pudéssemos evitar de lançarmo-nos às cegas e de gastar inútilmente nosso tempo, o esforço e o sangue de nossos soldados.

Quando o Taciturno criou a marinha dos “Vagabundos do Mar”, esperava certamente que ela servisse para alguma cousa, e é muito provável que não se encontrasse em sua vida de homem de guerra uma única decisão que não fôsse justificada por alguma esperança, confessada ou secreta.

Quanto ao segundo princípio, é preciso reconhecer que é digno de respeito. Exalta a tenacidade, a constância perante os reveses, e incute nos homens a força necessária para marchar direito ao fim, contra ventos e mares, não se deixar desencorajar por cousa alguma e ganhar a última batalha. Exprime, sob forma diferente, uma verdade desde muito tempo conhecida e proclamada por nossos estados-maiores: que na guerra, mais vale prosseguir com tenacidade num plano embora medíocre, do que mudar o estabelecido.

Mas, apressemo-nos em dizer, indiscutível nos tempos de outrora, esta verdade não constitui mais um artigo de fé. Mesmo em 1870,

custava caro encarniçar-se nos empreendimentos imprudentes. A destruição da brigada de Wedell, a 16 de agosto, e da guarda prussiana no dia seguinte, são a prova disso. Hoje, diante dos engenhos de guerra de que os exércitos dispõem, perseverar no erro não é diabólico: é desastroso. Um plano defeituoso conduz direta e muito rapidamente à ruína e, se se cometeu a falta de engajar-se mal, o único meio de evitar a destruição, é tomar, o quanto antes, outras disposições. Fizemos, desde o início da guerra, êste sacrifício. Em sua avalanche contra Verdun, os alemães repetiram os ataques com magnífica tenacidade e convencidos de que lhes valeriam a vitória: sacrificaram centenas de milhares de homens, e perderam a partida.

XXIX

Não se pode negar que haja espíritos nascidos para perceber a floresta, e outros que só podem ver as árvores. Os primeiros, são os aptos para os grandes comandos. Os segundos, podem superá-los nas emprêsas subalternas. Uns e outros são necessários. Mas é preciso que cada qual esteja em seu lugar.

XXX

Na guerra, o mais difícil nem sempre é saber que decisão se deve adotar: é, às vezes, ter a ousadia de adotá-la. Ha casos em que a solução imposta à razão é de tal maneira terrível, que chega a parecer milagre encontrar-se um homem capaz de decidir-se por ela. E só se faz idéia da grandeza dêsse homem, quando êle é generalíssimo e tem nas mãos a sorte do país.

XXXI

O exército deve ser a escola de patriotismo, e todos procuram incutir nos conscritos o amor da Pátria. Mas, desde que se trata de definir a Pátria, é preciso recorrer a circunlóquios, cujo sentido escapa a muita gente. De dez francêses, seis nada percebem dêsse cáos. Nossos oficiais, quando desenvolvem o assunto diante dos soldados, torturam o espírito para fazer penetrar nesses cérebros, pouco cultivados, idéias que sômente uma boa instrução geral permite apreender. Essas conferências podiam ser vantajosamente substituidas por exercícios de ginástica. São muito morais, ninguém contesta. Mas o patriotismo não é fenômeno de ordem moral. Não pôde ser destruido pela propaganda dos anti-militaristas, nem revigorado por teorias regimentais. Depende, antes de tudo, da fisiologia. O patriotismo não é um sentimento nem uma doutrina; é um movimento reflexo que só o movi-

mento provoca; uma fôrça latente cuja existência nada revela em tempos ordinários, e que cada qual traz em si, muitas vezes sem saber. Manifesta-se a ameaça estrangeira e, como a pólvora à qual se chega a chama, a energia adormecida desperta e explode, o instinto de conservação do grupo reage, um sôpro irresistível passa, e faz vibrar os nervos a todos, arrastando no mesmo turbilhão as gentes mais pacíficas; e nêsse momento, mais de um sente-se patriota como ninguém suspeitava. Foi assim, pelo menos, que as cousas se passaram sempre na França, em 1914 como em 1792, na época de Malplaqué, como nos tempos de Joana d'Arc.

XXXII

Muitos chefes parecem ignorar que a autoridade de que foram investidos tem por objeto fazer respeitar os regulamentos e não a satisfação de seus rancores pessoais. Parece-lhes natural, quando se julgam com razões contra um subordinado, mesmo por motivos estranhos ao serviço, aproveitar a primeira ocasião — que podem, aliás, provocar facilmente — para infligir-lhes uma punição, a qual não é na realidade senão uma vingança disfarçada. É o processo que, em linguagem de quartel chamam “esperar na volta”. Não é, como se poderia crer, monopólio dos chefes inferiores. Aplicam-no, mais ou menos por tôda parte, até nas regiões mais elevadas da hierarquia. Por haver declinado de um convite do coronel, por ter desagradado a esposa de um alto chefe, muitos oficiais viram suas notas mesquinamente modificadas e, às vezes, até suas promoções prejudicadas.

Esse abuso de poder, inerente à natureza humana, comete-se diariamente tanto nas hierarquias civis como nos exércitos. Desaparecerá somente quando aquêles que são investidos de funções de mando se compenetrarem desta idéia: — que em cada um dêles, o homem público deve ignorar o homem privado, que as paixões que possam atingir êste não podem agitar aquêle, e que, guardadas as devidas proporções, “não é ao rei de França que incumbe vingar as injurias ao duque de Orleans.”

Grande Baratilho

De

ORESTES DALLE MOLLE - GRAMADO

5.º dist. de Taquara — Rio Grande do Sul — Brasil — Fone n.º 2.

Grande sortimento em: Fazendas, Miudezas, Ferragens, Tintas, Louças,
Vidros, Secos e Molhados.

Compra Generos Coloniais

Correspondente do Banco Industrial e Comercial do Sul S. A.

Agente da Standard Oil Company of Brasil — Vende unicamente á Vista.